

## Lembranças de luto e de memória: os santinhos do arquivo de Filipe Coury

Jabour *Marcélia Guimarães Paiva*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de mostrar como a organização de um arquivo pode ser um modo de vivenciar o luto. Nesse caso específico, foi escolhido o arquivo pessoal de Filipe Coury Jabour, que foi recolhido a uma instituição de guarda de arquivos. Este texto apoia-se no entendimento de Heloísa Liberalli Bellotto acerca da carga informacional que esse tipo de arquivo possui. Nesse arquivo, os documentos podem fornecer dados a respeito das dificuldades que os imigrantes enfrentam na nova terra, suas estratégias de estabelecer e cultivar uma rede de amigos e de familiares e sua adaptação ao Brasil. Metodologicamente a abordagem é quali-quantitativa, relacionando uma coleção pessoal de santinhos católicos, que faz parte desse arquivo, e sua inserção no campo da construção de memórias e narrativas. Foi selecionada uma amostra de 11 exemplares dessa coleção, que seria um sinal, tanto das relações sociais do colecionador, quanto da perda da terra natal ou da recuperação dessa terra por meio da memória e dos documentos que registram, ainda que de modo efêmero, a presença de conterrâneos. Afinal, é feita uma reflexão a respeito de qual seria um possível significado dessa coleção como um arquivo de luto.

**Palavras-chave:** luto; memória; arquivos; imigração; santinhos.

**Abstract:** This article aims to show how organizing a file can be a way to experience the mourning. In this specific case, the personal file of Filipe Coury Jabour was chosen, which was sent to a file custody institution. This text is based on the understanding of Heloísa Liberalli Bellotto about the informational load that this type of file has. In this file, the documents can provide data about the difficulties that immigrants face in the new land, their strategies to establish and cultivate a network of friends and family members, and their adaptation to Brazil. Methodologically, the approach is quali-quantitative, relating a personal collection of Catholic holy cards, which is part of this archive, and their insertion in the field of construction of memories and narratives. A sample of eleven copies of this collection was selected, which would be a sign of both the collector's social relations and the loss of his homeland, or of the recovery of this land through memory and documents that register, albeit in an ephemeral way, the presence of compatriots. After all, a reflection is made about what might be the meaning of this collection as a mourning file.

**Keywords:** mourning; memory; files; immigration; holy cards.

### **Mourning and memory remembrances: the holy cards in the archives of Filipe Coury Jabour**

#### **Introdução**

Este é um texto sobre o luto vivido ao se perder algo ou alguém. É sobre a perda relativa à morte, uma perda para o indivíduo e para a coletividade, e a perda da pátria. Para se desenvolver essa ideia, foi utilizado um conjunto de folhetos reunidos por um colecionador,

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, membro do grupo de pesquisa Poesia em Versiprosa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), analista de tecnologia da informação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pesquisadora de poesia brasileira. E-mail: marcelia.guimaraes@ufjf.edu.br.

Filippe Coury Jabour. Trata-se de santinhos distribuídos, por católicos, em missas de sétimo dia de morte.

Filippe Coury Jabour colecionou folhetos, livros, cartas, revistas e jornais. Alguns desses documentos foram escritos em árabe. Após sua morte, seu neto, o advogado e estudioso de patrimônio cultural, Wilson Coury Jabour Júnior, doou, em 2012, ao Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora (AC/UFJF), o arquivo pessoal do avô (GERMANO, 2017). O AC/UFJF, criado em 1985, com o nome de Arquivo Histórico, é responsável pela gestão dos documentos da instituição e pela sua guarda quando esses documentos adquirem um valor permanente. Sob sua guarda também ficaram os acervos produzidos pela sociedade e recolhidos ao Arquivo Histórico. O AC/UFJF oferece acesso a fundos particulares pertencentes a pessoas físicas (políticos, acadêmicos, escritores), a associações civis ou a empresas, e a fundos públicos. Também existem, no setor, coleções recebidas ou criadas por seu próprio pessoal, além de uma biblioteca.

Estão sob a guarda do AC/UFJF arquivos pessoais que enriquecem seu acervo como ocorre em algumas instituições (BARCELLOS; FLORES, 2018). O acervo Filipe Coury Jabour está entre aqueles que têm origem na sociedade e que registram a vida, tanto privada quanto pública, da cidade mineira de Juiz de Fora e da região, e pertencem a

[...] pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2006, p. 266).

Metodologicamente, este texto resulta de uma abordagem quali-quantitativa, relacionando uma coleção de santinhos católicos pertencente a um arquivo pessoal e sua inserção no campo da construção de memórias e narrativas. Nesse sentido, o estudo iniciado pretende desenvolver a ideia do arquivo como afirmação de identidade, relações, resistência, permanência ou pertencimento. Tal estudo leva em conta que um arquivo pessoal possui características diferentes de um arquivo institucional e que ambos podem ser vistos sob a ótica da “construção da memória social e coletiva” (BELLOTTO, 1998, p. 204).

Considera-se que o arquivo pessoal de Filipe Coury Jabour possui grande “densidade informacional e peso considerável para a pesquisa histórica” (BELLOTTO, 2006, p. 251). Nele se destaca uma coleção de folhetos composta por santinhos. Esses santinhos ou “lembranças de luto” (POR QUE, 2021) são distribuídos por famílias, para convidar para a

missa de sétimo dia, ou entregues, naquela ocasião, quando, simbolicamente, o velório continua, e os amigos e parentes apresentariam seus cumprimentos e confortariam os familiares mais próximos do morto. Essas providências – a distribuição do santinho e a realização da missa – compõem uma face pública da vivência do luto e de uma despedida adequada.

Nesses folhetos, produzidos em série, são impressas mensagens, que as gráficas já têm prontas, com referências ao paraíso, à finitude da vida, à misericórdia divina, ao sofrimento dos amigos e dos familiares, além de frases que indicam as qualidades pessoais do morto e remetem aos desejos dos familiares a respeito daquele que morreu. Essas mensagens têm um sentido de conforto e de louvação e estariam de acordo com uma cultura ocidental e católica em que o morto é lembrado e reverenciado.

Além da mensagem textual, padrão, há outra nos santinhos, não textual, composta pela fotografia do morto e uma ilustração, que também é oferecida pela gráfica. De certa maneira, os santinhos têm uma estrutura parecida com a de algumas lápides que contêm os epitáfios ou textos que celebram a pessoa morta e destacam uma característica (positiva) sua.

Segundo Barbara Calamari e Sandra DiPasqua (2004), os santos são representações humanas da graça divina e são como membros da família; têm a função de trazer conforto, consolo e coragem aos crentes. Reproduzir sua imagem, para fornecer proteção, faz parte da tradicional iconografia católica. Desse modo, são impressos cartões portáteis, muito coloridos, colecionáveis e permutáveis, que são oferecidos por ocasião de celebrações de primeira comunhão, confirmação de batismo, velórios e funerais. Embora sejam produto das artes plásticas, não têm uma qualidade artística de muito valor (CALAMARI; DIPASQUA, 2004).

O tamanho de um santinho é pequeno, “de bolso”, provavelmente imitando esses cartões. Da adaptação brasileira desses santinhos, conhece-se a forma de marcador de livro e de imã de geladeira. Atualmente, nos sites da internet, é possível encomendar essas lembranças, com modelos prontos de mensagens, o que indica que essa forma de lembrar e homenagear os mortos não está em desuso. Concorre com essa prática a forma atual de deixar uma mensagem, no espaço virtual dedicado ao morto, que foi cadastrado, no site de cemitérios, crematórios ou funerárias e, mais recentemente, em sites especializados em apoiar as pessoas enlutadas. Lápides e santinhos impressos vêm dando lugar às redes sociais como o suporte para o registro da memória dos mortos. Essa modalidade de publicação de mensagens

ganhou destaque, a partir de 2020, devido à impossibilidade de se realizar os ritos funerários tradicionais, entre outras medidas, para conter o contágio pelo novo coronavírus.

Supõe-se que esses santinhos já tenham sido mais populares há algumas décadas. Com a facilidade de impressão, os folhetos tornaram-se muito populares no século XX, enquanto cada um deles se tornou único, com a generalização do hábito de fotografar pessoas.

### **Filippe Coury Jabour e a imigração sírio-libanesa em Juiz de Fora**

Filippe Coury Jabour era libanês, nascido na cidade de Beit Edine e emigrou, para o Brasil, em 1924, quando tinha 18 anos. Instalou-se na cidade como comerciante onde morreu em 1993. Sua primeira mulher também era libanesa e residente em Juiz de Fora. Foi sócio da Associação Comercial. Sua loja, a Casa Coury, funcionava onde hoje funciona essa associação nessa cidade. Nesse prédio, a família residia nos fundos. Quando ficou viúvo, casou-se também com uma descendente de libaneses. O comerciante tinha boas relações com os locais e com seus conterrâneos (DORNELAS, 2008):

Amigo de políticos e autoridades civis, militares e eclesiásticas, Filipe tinha prazer em receber. ‘Diariamente, às 15h, a empregada descia pelos fundos da casa com uma bandeja com oito ou dez xícaras de café para a loja. Os amigos já sabiam e sempre passavam por lá. Era gente como o deputado federal Jarbas de Lery Santos, representantes de fábricas de tecidos como Rubens Fasheber e Gentil Costa, além de patrícios como Antônio Ganimi. Paralelamente aos negócios, encarregava-se de cuidar dos interesses dos conterrâneos, chegando a exercer, informalmente, as funções de um cônsul’, conta Wilson, que trabalhava com o pai na Casa Coury, fundada em 1938, na Rua Marechal Deodoro 109 e 111 (PEQUENO, 2000, p. 37-38).

Em seu arquivo, destaca-se a trajetória de Filipe Coury Jabour e de outros imigrantes, especialmente de sírios e libaneses. Esse arquivo constitui uma fonte para o estudo da imigração em Juiz de Fora, seguindo uma tendência de uso de documentos privados, em estudos científicos. a partir da segunda metade do século XX, com a renovação provocada pelos historiadores da Escola dos Annales. Houve uma valorização dos documentos, de novos temas de pesquisa e de vários suportes documentais vistos, não mais sob uma ótica quantitativa, mas qualitativa (VAM DE BERG, 2019).

Ocorreu uma percepção de que os arquivos pessoais são parte do patrimônio documental nacional (VAM DE BERG, 2019). Nesse sentido, os documentos de Filipe Coury Jabour resgatam a memória coletiva de Juiz de Fora, pois pode-se perceber neles o

papel de liderança que ele exerceu, no meio de sua comunidade, e as trocas culturais ocorridas entre ela e os juiz-foranos e pessoas da região.

Essas comunidades de imigrantes têm origem, no fluxo imigratório estabelecido pelas necessidades da cidade de Juiz de Fora que se modernizava e se industrializava, já a partir do século XIX. Aos poucos, a sociedade escravocrata, que havia acumulado capital com a cultura de café, atraía imigrantes. A América era vista como uma terra de oportunidades a despeito de dificuldades que esses imigrantes enfrentariam aqui. Foi o caso de um grupo que chegou ao Brasil, vindo dos atuais Líbano e Síria, quando os dois Estados não eram independentes. Esse grupo era composto em sua maioria por homens, solteiros e cristãos (DORNELAS, 2008) que tinham a perspectiva de enriquecer e retornar à terra natal. Questões como o acesso à terra e à educação, a falta de oportunidades de trabalho, os conflitos sociais e políticos, o alistamento compulsório em caso de guerra e a fome são algumas de suas razões para a emigração (DORNELAS, 2008). Em alguns casos de mulheres, elas vieram para Juiz de Fora, pois, alguns emigrados, “[...] depois de algum tempo tendo acumulado pecúlio, voltaram à terra natal para visitar os parentes, mas também para casar” (DORNELAS, 2008, p. 61).

Sucessivamente, esses imigrantes estabeleceram-se, nessa cidade, em virtude das atividades de comércio de seus conterrâneos e da notícia de que alguns haviam enriquecido (DORNELAS, 2008). Encontraram a liberdade de culto e uma cultura católica que foi um componente importante para a manutenção da identidade dessas pessoas.

Além das afinidades étnicas, provavelmente, a existência de uma comunidade católica, composta por imigrantes, contribuiu para a adaptação de quem chegou. Alguns deles são homenageados, entre 90 pessoas diferentes, na série de santinhos, que compõe o acervo Filipe Coury Jabour. São registrados sobrenomes de origem libanesa ou síria, além de sobrenomes de origem local ou de outra ascendência, talvez um sinal de que os matrimônios exógenos começaram a tornar-se mais comuns, especialmente a partir de 1940 (DORNELAS, 2008), e do prestígio e das relações sociais do colecionador.

### **Os santinhos do arquivo de Filipe Coury Jabour**

Os santinhos foram produzidos entre os anos de 1942 e 1987. Em geral, foram impressos em uma única peça retangular que se pode dobrar ao meio. Desse modo, assemelham-se a quatro páginas de um livro. Como se pode ver na Imagem 1, na “primeira página”, há uma ilustração representando santos, anjos ou Jesus Cristo; na “segunda”, a foto, a data de nascimento e de morte e frases que, supõe-se ao ler, se referem às (boas) qualidades

do morto; na terceira “página”, imprimem-se frases de efeito e muito edificantes; e, na “quarta”, outra ilustração.

**Imagem 1** – Exemplo de “quarta”, primeira, “segunda” e “terceira página” respectivamente de um santinho<sup>2</sup>



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1949)

Na “terceira página”, continua a louvação do morto em questões éticas ou de fatos da vida, o que seria importante para indicar que ele mereceria a ressurreição. Esses folhetos são criados com frases e imagens comuns e repetitivas. A exceção fica por conta de uma foto escolhida entre as que o morto possuía. Eles não indicam a posição social, política ou religiosa da família como túmulos e suas características – dizeres das lápides, arquitetura, ornamentos, esculturas – costumam proporcionar.

Os textos e ilustrações dos santinhos demonstram crenças, em um mundo sobrenatural, e outras crenças católicas. Têm, em geral, a preocupação em negar a morte como interrupção da vida, que continuaria mesmo depois da morte. Nos textos são tratados sentimentos como de aceitação da morte, angústia, libertação, medo, perda, saudade, sofrimento, tristeza ou vazio. Eventualmente, alguns textos registram uma autoria. A informação iconográfica dos santinhos não diz respeito ao Líbano ou à Síria; não há imagens de santos cultuados nesses países ou de Nossa Senhora do Líbano, pois não fazem parte do portfólio das gráficas. Também não é possível fazer afirmações a respeito da devoção a algum santo em especial.

A esses santinhos se pode conferir significado social e cultural. Foram colecionados “[...] sem objetivo histórico ou cultural, porém adquirem valor testemunhal se lhes atribuído” (BARCELLOS; FLORES, 2018, p. 68). No contexto de sua produção, como outros arquivos pessoais, “[...] são únicos e tornam-se relevantes fontes de informação para diferentes áreas do conhecimento” (BARCELLOS; FLORES, 2018, p. 68).

<sup>2</sup> Todas as imagens foram manipuladas para preservar a identidade dos retratados nos documentos.

É possível considerar que os santinhos são um pálido reflexo de pompas fúnebres, homenagens mais vistosas e exageradas devotadas a nobres e endinheirados por ocasião de sua morte, no Brasil-colônia dos séculos XVII e XVIII,

[...] as cerimônias fúnebres não serviam apenas para o louvor, mas, principalmente, para o desengano das superfluidades, como ‘memento’. Em decorrência disso, além dos aspectos visuais da pompa fúnebre, as exéquias dos homens e mulheres de prestígio também eram elaboradas com o propósito de comover o público mediante o estímulo auditivo, isto é, por meio da fala e tom de voz dos pregadores, da música adequada para essas ocasiões, como o canto coral com temática lúgubre, dos inúmeros badalares de sinos das igrejas, choros, soluços, tiros de artilharia, entre outros sons (SANTOS, 2016, p. 142).

A presença de autoridades eclesiásticas e nobres e o uso de luzes, sons e cores emprestam ao momento um espetáculo visual que busca envolver os presentes no mesmo luto da família (SANTOS, 2016). Assim, a missa de sétimo dia parece ser uma recordação de grandes funerais que duravam dias, ou sete, em uma conta mágica.

Além da missa de sétimo dia propriamente dita, nos santinhos se pede que se façam orações pelo morto. Essa seria uma tradição de salvar a alma, pelas missas e orações, para que o processo de sua purificação seja rápido e o morto entre no céu e tenha uma vida boa após a morte. Em cultos e rezas fúnebres, no estado de Minas Gerais, foi muito popular o uso do rosário, nos séculos XIX e XX (QUIOSSA, 2009). A importância do rosário seria vista em sua representação nos santinhos e de Nossa Senhora em suas variadas denominações. Em quase a totalidade dos santinhos é citada a frase “Lembrai-vos em vossas orações da alma de ...” ou uma pequena variação dela, como se lê na Imagem 2. Que vivos devem rezar pela salvação dos mortos é uma exortação também presente em epitáfios (QUIOSSA, 2009).

**Imagem 2** – Santinho com data de morte em 17.05.1963



Fonte: Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1963)

Os santos, para os católicos, proporcionariam inspiração e teriam o poder de transformar a vida de cada um por meio das orações e da fé. Rezam com as pessoas e por elas e são capazes de rogar pelos mortos (CALAMARI; DIPASQUA, 2004). No século XVIII, em Minas Gerais, esses santos eram os intercessores pela alma do morto e, especialmente a Virgem Maria, “[...] auxiliavam o fiel a manter-se com fé em Deus na hora da expiração de sua alma” (SANTOS, 2016, p. 70). São levadas em consideração, pelos teólogos da Igreja, a “[...] a possibilidade, após a morte, de um resgate dos pecados [...] e, ainda tão presente na Igreja dos tempos atuais, [...] a eficácia das orações pelos defuntos e sua possibilidade de salvação” (QUIOSSA, 2009, p. 209), o que aproximaria vivos e mortos.

Reza-se pela salvação do morto, mas também se espera que ele seja um intercessor no Além. Frases como “Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na Terra”, atribuída a Santo Agostinho, indicariam que os mortos também vão se compadecer daqueles que pensam em ter ao seu lado futuramente, como se pode ler no santinho reproduzido na Imagem 3.

**Imagem 3** – Santinho com data de morte em 23.08.1955



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1955b)

É interessante observar que, em alguns santinhos, como o da Imagem 3, os familiares afirmam que o morto realizou boas obras em vida, uma prática que remete a outra bem mais antiga:

Assim como em Portugal, no Brasil dos séculos XVII e XVIII, a concepção de que era imprescindível aos católicos se prepararem para o passamento, tendo em vista a possibilidade de gozarem da eterna bem-aventurança no céu, caso praticassem boas obras em vida, e o risco de sofrerem eternamente no inferno, devido à prática de pecados, apresentava-se como um dos principais argumentos de religiosos e moralistas para divulgarem aos homens e mulheres que aqui viveram sobre a importância de refletirem e se prepararem para morte (SANTOS, 2016, p.15).



Nos santinhos são encontradas alusões ao trabalho, ao comportamento exemplar e a alguns fatos da vida de quem morreu. É um modo de assegurar que ele é digno de “gozar das bem-aventuranças” ou que tenha seu caminho iluminado. A representação de velas, de lanternas e de lâmpadas nos folhetos indicaria que a luz seria de Jesus Cristo ou de palavras divinas (CALAMARI; DIPASQUA, 2004), o que estaria sugerido no folheto reproduzido na Imagem 4. A partir desse santinho, que contém dados biográficos, pode-se concluir que alguns desses folhetos seriam quadros ou retalhos de vidas. Essa descrição da virtude do morto também surge em epitáfios como já foi visto.

**Imagem 4** – Santinho com data de morte em 09.10.1961



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1961)

Nesses textos, devido a possíveis boas obras do morto, é comum que se implore a Jesus que lhe dê o descanso eterno, usando-se a frase “Piedoso Jesus dai-lhe o repouso eterno” (vista na Imagem 5) ou algo parecido. É possível encontrar um mensageiro de Deus que talvez esteja rezando pelo morto como está nessa mesma imagem.

**Imagem 5** – Santinho com data de morte em 16.02.1955



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1955a)

Essa invocação da misericórdia divina é, às vezes, acompanhada, pelo registro da demonstração de penitência do morto por seus pecados, ou pela afirmativa de que ele foi uma boa pessoa e poderia estar junto dos justos, como se observa na Imagem 6.

**Imagem 6** – Santinho com data de morte em 21.10.1945



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1945)

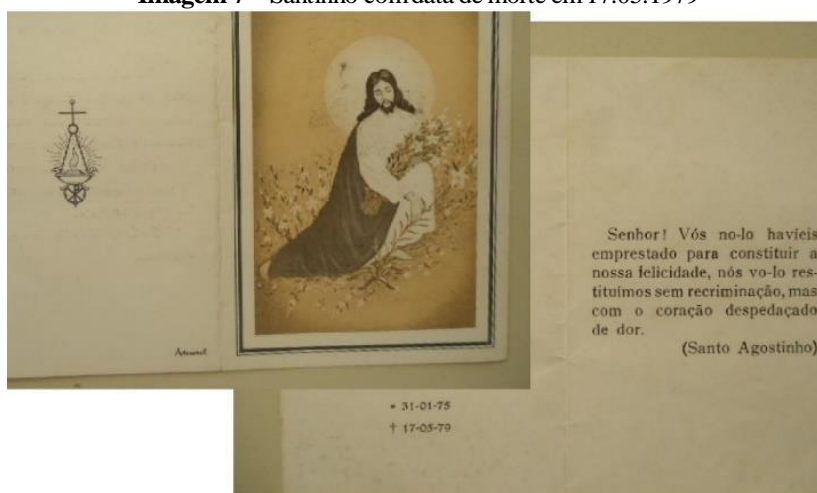
A religião católica já teve mais controle sobre os mortos e os vivos. O destino das almas já foi objeto de uma preocupação maior. Os textos e ilustrações dos santinhos são herança de um mundo mais católico. O que se pode perceber é que esses cartões ainda são populares, resistem até hoje, ainda que haja um processo de laicização da cultura brasileira, a partir do século XIX, e de transformação da prática religiosa no Brasil. Observa-se uma diversificação de ritos funerários (COSTA, 2007) e, como já foi dito, o uso intenso da internet nas homenagens fúnebres. Há tanto o afastamento da família, na preparação e enterro dos mortos, como a simplificação dos ritos que são cada vez mais rápidos.

No século XX, a morte tornou-se um momento mais privado, restrito aos familiares mais próximos. Com a hospitalização, as visitas são controladas. E, quando morre alguém, desde há muito tempo, que os enterros ocorrem em locais afastados da cidade, em razão do programa higienista que, na França e em Portugal, no século XIX, promoveu a

[...] retirada dos cemitérios dos centros públicos e a construção dos cemitérios extramuros particulares. Essa profunda alteração na ocupação do espaço urbano foi idealizada e realizada por médicos, intelectuais, parlamentares e alguns eclesiásticos, envolvidos em ideais de racionalidade iluminista e liberais (MATOS; MUTZENBERG; CISNEIROS, 2017, p. 105).

Quando da vinda da corte portuguesa, em 1808, para o Brasil, foram fundadas as primeiras escolas de cirurgia da Bahia e do Rio de Janeiro. Notam-se algumas mudanças culturais, pois a morte passou a ser vista como uma questão de saúde pública “[...] devido ao medo do contágio dos mortos e à [...] proibição dos enterros nas igrejas” (SANTOS, 2016, p. 17). A partir do ano de 1950, as “[...] casas funerárias existentes em Juiz de Fora passaram a assumir funções mais abrangentes do que apenas vender urnas mortuárias” (QUIOSSA, 2009, p. 17) tratando dos detalhes do velório e da preparação do corpo a ser enterrado: “Isso demonstra que a família estava abandonando algumas atitudes perante a morte e o morrer, funções que no passado se encontravam no círculo familiar” (QUIOSSA, 2009, p. 17). Portanto, o uso de santinhos também seria uma maneira de contornar as medidas de assepsia que afastam os parentes e amigos dos últimos momentos de alguém. Mas, longe dessas ideias racionalistas, nesses impressos, ainda subsiste a ideia de que a morte não é exatamente algo natural, pois a vida seria uma dádiva divina, que poderia ser retirada e, portanto, a família deveria ter um comportamento estoico de aceitação, como se pode perceber na Imagem 7.

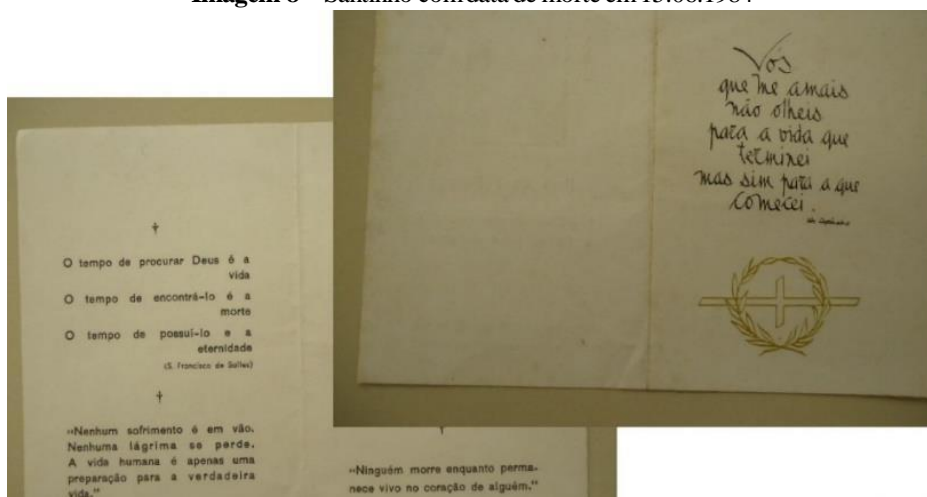
**Imagem 7** – Santinho com data de morte em 17.05.1979



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1979)

A resignação com a morte é expressa tanto nas ilustrações como nos textos. No entanto, na Imagem 8, é possível ler que, à atmosfera de luto, indicada pela frase em destaque na Imagem 7, se oporia a alegria de acreditar que, a vida, que terminou, seria apenas uma preparação para a ressurreição e a vida eterna.

**Imagem 8** – Santinho com data de morte em 15.06.1984



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1984a)

É interessante notar que, nesse último folheto, cita-se a importância da memória para proporcionar certa eternidade. O paraíso, lugar aonde se quer chegar nessa próxima vida, “a verdadeira vida” (Imagem 8), é aquele em que a felicidade seria uma recompensa pelo que o morto teria feito, como se pode ler no modelo de frase “Dai-lhe Senhor em felicidade no Céu o que ela nos deu em ternura na terra. (Macabeus)”, que se assemelha ao que está no santinho apresentado na Imagem 9.

**Imagem 9** – Santinho com data de morte em 01.06.1973



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1973)

Nesse santinho, vê-se um pedido por misericórdia. Esse tipo de pedido também se encontra em túmulos (QUIOSSA, 2009). Entende-se que essas orações tanto dizem respeito aos mortos quanto aos vivos, pois a vida é vista como um tempo de sofrimento, ou de exílio. No caso do santinho mostrado na Imagem 10, lê-se que Deus mandou que a pessoa morta emigrasse “deste mundo” e a morte seria a volta à “Pátria do paraíso”.

**Imagem 10** – Santinho com data de morte em 06.06.1957



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1957)

Além de conter uma perspectiva de ida ou retorno ao paraíso, segundo o folheto da Imagem 11, a morte significaria um momento de alegria. É notável a descrição do lugar em que o morto estaria e o bem-estar que sentiria.

**Imagem 11** – Santinho com data de morte em 02.12.1984



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1984b)

A finitude da existência é citada, em vários santinhos como o reproduzido na Imagem 12. Há o sofrimento dos que restam vivos, mas o morto será recompensado. Para ele, haverá uma nova morada em substituição às moradas transitórias como “tendas”. O próprio suporte, considerando-se que o santinho é um monumento efêmero, onde se registram as frases, é um lembrete de que a vida é fugaz, um lugar onde se mora de maneira improvisada, passageira.

**Imagem 12** – Santinho com data de morte em 04.07.1969



Fonte: Elaborada pela autora com dados extraídos de Arquivo Central (1969)

Os santinhos são um aviso aos que ficam de que também vão morrer, de que são mortais. A morte lembra, a todo momento, que a vida não é infinita. Essa angústia acompanha todos os seres humanos. Naturalmente, essa angústia é de quem vive e se expressa quando se participa de um ritual de morte.

### Possível significado dos santinhos do arquivo de Filipe Coury Jabour

O rito é conforto, é começar a costurar a ferida que se tornará a cicatriz talvez para sempre. Os ritos de enterro de corpos têm uma variedade imensa de acordo com a cultura. É comum observar que existe uma preferência por enterros feitos próximos a familiares. Os cemitérios são locais de encontro e, mesmo na morte, as pessoas desejam estar perto daqueles de quem estiveram próximos em vida. A visita a esses locais reveste-se de um sentido comunitário: aqueles que visitam os túmulos e os que se encontram enterrados têm laços. O sentido de comunidade é um dos aspectos que se preserva na morte.

Fazer o funeral é uma etapa fundamental para começar a elaborar o luto. Considera-se que “[...] a morte e o morrer são aspectos da cultura de um povo ainda cheios de atitudes religiosas” (QUIOSSA, 2009, p. 21). Embora tenha ocorrido a secularização do cemitério, ainda é preciso salvar a alma dos mortos. Como consequência, “[...] as pessoas buscam um sentido religioso para a morte e o morrer, só que em um ambiente com mais liberdade do que antes” (QUIOSSA, 2009, p. 21). Ainda, orar pelos mortos resgata as conexões entre o mundo dos mortos e dos vivos. No momento do velório ou na data de visita ao cemitério, o Dia de Finados, o sentimento de perda aproxima os ausentes dos vivos.

O luto mais imediato, provocado pela morte de alguém próximo, seria mais suportável com a ocorrência de velórios e cerimônias, quando os amigos manifestam seu pesar e

simpatia. Essas ocasiões também são uma despedida, além de marcarem o início do trabalho de assimilação da perda. Viver o luto é a melhor opção para aquele que perdeu alguém. Mas, em alguns casos, para quem está suficientemente longe para não sentir tristeza pela morte, qual o significado de guardar uma recordação da homenagem ao morto? A guarda do santinho pode ser vista como um sinal de respeito pelo morto e pela dor dos familiares e amigos. Sim, mas isso teria que ter alguma publicidade, o que não é o caso da coleção privada de Filipe Coury Jabour. Por que essas pessoas, retratadas nos santinhos, entraram para a história desse libanês?

A função de um arquivo dessa natureza teria um paralelo com a dos museus:

Os museus já provaram a sua função em tempos de crises. No pós-guerras na Europa, assumiram o papel de reerguer sociedades devastadas, por incentivo da Unesco e do Conselho Internacional de Museus (Icom), criados em 1946. Desde então, reestabeleceram o sentido de pertença das pessoas diante das adversidades, tornando-se um lugar seguro para tratar assuntos difíceis. [...] Museus são necessários para o luto e para a luta. No melhor uso que podemos lhes dar, essas instituições da memória podem desempenhar papel regenerativo sobre a vida das pessoas, e restaurativo do viver em sociedade, atuando sobre a nossa capacidade de reformular o passado no presente. Ao mesmo tempo, guardam o substrato de que precisamos para resistir e para lutar por um futuro melhor (SOARES; MOTTA, 2020).

Como uma instituição de memória, a coleção de santinhos, analisada no contexto de produção do acervo de Filipe Coury Jabour, chama a atenção. Por que razão ele a criou? Entende-se que essa pessoa se comporta como um arquivista que priorizou uma representação de sua comunidade e de suas relações interpessoais. Cabe notar que ainda há outro arquivista, ou arquivistas, que são as gráficas que padronizam essa apresentação em escala industrial. Uma hipótese para essa razão de o colecionador guardar esse material é poder presentificar os indivíduos dessa comunidade.

O arquivista e, também, intérprete e colecionador, deixou a salvo o que respeitava. Há alguns sinais da importância da coleção: foram guardados, em alguns casos, modelos diferentes de folhetos relativos a uma mesma pessoa e, como já foi dito, foram contempladas 90 pessoas diferentes, no conjunto criado durante décadas.

Não há neste artigo a intenção de analisar todas as questões que esses documentos podem suscitar. Especialmente, não se faz nenhuma crítica à qualidade literária e artística dos folhetos, à linguagem feita de lugares comuns e às preferências estéticas. Mas é possível observar a questão do arquivo e a do retrato; do arquivo, que protege e resgata, e a do morto, que se torna presente. Outra questão é estabelecer as relações sociais do titular do arquivo. Supõe-se que, ao mirar os seus folhetos, é como se a terra natal fosse recriada, sobre a mesa

do colecionador e em sua memória, de um modo tão efêmero e sagrado quanto são os cartões impressos. Logo, o colecionador inventou para si uma nova pátria, que está em movimento, diferente da pátria divina e definitiva aludida nos santinhos.

Tanto no trabalho de juntar esses folhetos quanto no de guarda dos outros documentos do acervo, o colecionador reteve um retalho de suas atividades e de seu círculo de conhecidos, que deixa de lado muitos outros desses, além de não garantir a imortalidade, que, por ironia, é evocada tantas vezes pelos santinhos. Mas cumpriu um papel importante para uma definição de cultura em que é preciso “[...] reconhecer nossa condição de mortais, condição tão incontornável como a exigência que ela implica: cuidar da memória dos mortos para os vivos de hoje” (GAGNEBIN, 2009, p. 27).

Esses mortos são apresentados, nos santinhos, especialmente por um retrato, que seria uma substituição que implica em uma ausência do modelo ou sua morte. Relaciona-se, portanto, com o *imago*, o busto de cera de um ancestral entre os componentes do patriciado romano (NANCY, 2014). Presentes junto a múmias egípcias, postos nos túmulos ou exibidos em velórios, sabe-se que os mortos não têm mais os rostos desses retratos. Desse modo, o retrato funcionaria como uma máscara da morte (NANCY, 2014).

Como o retrato é a presença de uma ausência, e sendo imutável, o que ele traz é a percepção de que se trata daqueles que são cada vez mais diferentes (NANCY, 2014). No caso dos santinhos, que possuem retratos feitos em épocas diferentes, essa coleção traria a presença de uma comunidade ausente, que se vai perdendo e se construindo.

Quando juntos em um acervo, esses pequenos sinais dos imigrantes e de seu círculo social, ou do colecionador, realçam o significado de se fazer parte de uma sociedade. Nela a memória humana transita entre a permanência e a efemeridade e é registrada pela

[...] transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e [...] pela escrita, inscrição que talvez perdue por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência. Nem a presença viva nem a fixação pela escritura conseguem assegurar a imortalidade; ambas, aliás, nem mesmo garantem a certeza da duração, apenas testemunham o esplendor e a fragilidade da existência, e do esforço de dizê-la (GAGNEBIN, 2009, p. 11).

A existência frágil é tanto do indivíduo quanto de seu grupo. À memória da vida no Líbano vieram se juntar outras, já nascidas no Brasil, e registradas no acervo de Filipe Coury Jabour. Esse conjunto, como um aparato de memória e de esquecimento, contribui para a criação dos elos, ou para sua perda ou transformação, entre os componentes da comunidade de imigrantes e entre eles e os habitantes locais.



Outra leitura possível para o sentido de criação dessa coleção seria a que, de certa maneira, o colecionador preparava-se para a sua própria morte, como um bom católico, pois tomava

[...] a memória da morte como exercício moral, [...] o ato de lembrar e refletir sobre a morte, como se ela já tivesse ocorrido ou em vias de ocorrer, que merecia importância. Nesse sentido, o fato de a morte de cada indivíduo ser um acontecimento futuro não prejudicava o exercício de sua memória como passado, pois, a partir do momento que era conhecida a morte, segundo as verdades da fé católica, era possível inferir sobre como ela poderia ser (SANTOS, 2016, p. 12).

Esse é um pensamento dos séculos XVII e XVIII no Brasil. Mas ainda teria repercussão no século XX quando foram produzidos e colecionados esses santinhos.

Enviar um santinho aos parentes na terra de origem teria uma função especial. É um modo de assegurar os elos de comunicação e trocar notícias. Também é um momento de escrever sobre o morto, o que faz parte do trabalho de luto. De certo modo, os emigrantes são desaparecidos para aqueles que ficaram. E, quem ficou não pôde ver o outro ser enterrado. De maneira simbólica, a chegada do santinho indica que o outro não chegará mais. Seria a hora de iniciar o luto em memória daquele que vive em terra estrangeira. Do mesmo modo, como indicam alguns santinhos, como o visto na Imagem 2, quem está no Brasil, ao saber da morte de um ente querido, na terra de origem, manda imprimir um santinho. Com isso, inicia o luto. Há uma troca de afetos e sinais de identidade nacional. Como consequência, a morte de um conhecido seria um momento especial para lembrar que se mora fora de casa, exilado, tanto da pátria perdida, quanto da morada divina.

### **Considerações finais**

Os documentos são naturalmente produzidos pelas atividades humanas. No caso de arquivos pessoais, a guarda representa o registro autobiográfico e de acontecimentos da comunidade. Essa ação de guarda permitiria a outros construir uma imagem dos representados nos documentos. Neles se abrigariam a memória social e a identidade tanto de seu autor quanto de seu grupo social (BASSO, 2019). Assim, é interessante que pesquisadores e arquivistas se preocupem com a preservação dos arquivos pessoais (MACÊDO; OLIVEIRA, 2019).

Quanto a esse tipo de arquivos, Heloísa Liberalli Bellotto (1998) ressalta a interdisciplinaridade e o encontro do inesperado pelos pesquisadores. Assim este texto

convida os historiadores, antropólogos e outros profissionais, a “[...] realizar uma espécie de viagem ao interior do pensamento de uma pessoa” (BELLOTTO, 1998, p. 201) que um arquivo pessoal pode oferecer. É um encontro com a humanidade do imigrante, do colecionador ou do cidadão.

Trata-se de um homem exposto à perda da morada, como outros seres humanos. Essa consciência estaria presente nos momentos de interação social e, naturalmente, nos enterros e velórios, e quando o colecionador mirasse a sua coleção. Aqui se supõe que, quando se lê o arquivo, “[...] aparecem rostos – mesmo que sejam apenas esboços –, insinuando-se igualmente a fábula e a fabulação, e talvez a capacidade de um ou de outro de transformar tudo em lenda, de criar uma história ou de fazer de sua vida uma ficção” (FARGE, 2017, p. 36). Ler o arquivo é exercitar a reversibilidade do tempo. Por meio da memória, o Líbano seria recriado no arquivo. Mas tanto aquele que juntou os documentos – o primeiro arquivista – como aqueles que os organizam ou os consultam fazem esse mesmo movimento. Não só os imigrantes participam de um ato migratório, mas o sentido do arquivo também migra de acordo com a vivência e as expectativas de quem tem contato com ele.

## Referências

- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 21.10.1945, 1945.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 05.01.1949, 1949.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 16.02.1955, 1955a.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 23.08.1955, 1955b.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 06.06.1957, 1957.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 09.10.1961, 1961.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 17.05.1963, 1963.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 04.07.1969, 1969.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 01.06.1973, 1973.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 17.05.1979, 1979.

- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 15.06.1984, 1984a.
- ARQUIVO CENTRAL (Universidade Federal de Juiz de Fora). **Filippe Coury Jabour**. Santinho com data de morte em 02.12.1984, 1984b.
- BARCELLOS, Raquel Siegel; FLORES, Daniel. Arquivos pessoais como fonte para perpetuar a memória. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.37, n.49, out. 2018, p. 67-84. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- BASSO, Talita Gouvêa. A construção da imagem de mulheres a partir da organização dos seus arquivos pessoais. In: CAMPOS, José Francisco Guelfi (Org.). **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas organização**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2019. p. 32-50. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-2019-Arquivos-pessoais-experi%C3%Aancias-e-perspectivas.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21. p. 201-207, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063/1202>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- CALAMARI, Barbara; DIPASQUA, Sandra. **Holy cards**. New York: Abrams, 2004.
- COSTA, Fernanda Maria Matos da. **A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890**, 2007, 145 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/5276/1/fernandamariamatosdacosta.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- DORNELAS, Juliana Gomes. **Na América, a esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)**, 2008, 163 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/2937>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- GAGNEBIN, Jeannie Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GERMANO, Alessandra de Carvalho. **Diretrizes para aquisição de arquivos: uma contribuição à política de arquivos da Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2017, 122 f. Produto técnico-científico (Mestrado profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/10931>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- MACÊDO, Patricia Ladeira Penna; OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. Arquivos pessoais e teoria arquivística: o arranjo como uma função de pesquisa. In: CAMPOS, José Francisco Guelfi (Org.). **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas organização**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2019. p. 108-127. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-2019-Arquivos-pessoais-experi%C3%Aancias-e-perspectivas.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2021.
- MATOS, Shirlene Marques; MUTZENBERG, Demétrio; CISNEIROS, Daniela. Análise tipológica das lápides do cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato-PI. **Noctua**, Recife, v. 2, n. 3, p. 102-139, 2017. Disponível em: [http://fundacaoparanabuc.org.br/arquivo/2cff9\\_6.%20Shirlene%20Formatado%20Final.pdf](http://fundacaoparanabuc.org.br/arquivo/2cff9_6.%20Shirlene%20Formatado%20Final.pdf). Acesso em: 25 dez. 2021.

NANCY, Jean-Luc. **L'autre portrait**. Paris: Éditions Galilée 9, 2014.

PEQUENO, Isabel. Destino árabe tecido por instinto mascate. *In*: IMIGRANTES: 150 anos. Juiz de Fora: **Tribuna de Minas**, 31 dez. 2000. (Edição comemorativa dos 150 anos de Juiz de Fora), p. 30-41.

POR QUE fazer lembranças de luto para os parentes e amigos. [S. l.]: Cemitério Sem Mistério 2021. Disponível em: <https://cemiteriosemmisterio.com.br/lembrancas-de-luto/>. Acesso em: 25 dez. 2021.

QUIOSSA, Paulo Sérgio. **O morrer católico no viver em Juiz de Fora: 1850-1950**, 2009. 387 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2770>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SANTOS, Clara Braz dos. **O exercício moral de memória da morte nos escritos religiosos do Brasil colonial (séculos XVII e XVIII)**, 2016, 207 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144299>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SOARES, Bruno Brulon; MOTTA, Renata Vieira da. Museus em tempos de Covid-19: o luto e a luta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/museus-em-tempos-de-covid-19-o-luto-e-a-luta.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2021.

VAM DE BERG, Thayane Vicente. Os arquivos pessoais como objeto de pesquisa em arquivologia. *In*: CAMPOS, José Francisco Guelfi (Org.). **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas organização**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2019. p. 12-31. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-2019-Arquivos-pessoais-experi%C3%Aancias-e-perspectivas.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2021.

*Recebido em: 26 de maio de 2021.*

*Aprovado em: 11 de dezembro de 2021.*